

INDOCHINA

Laos, Vietnã, Camboja e Tailândia compõem um destino fascinante para viajantes atraídos pela beleza da diversidade cultural e por experiências que são um exercício de bem-viver





ESTAMOS REVENDO O QUE É ESSENCIAL

Passando a quarentena em São Paulo com a família e com um currículo de aventuras invejável pelo mundo, Amyr Klink projeta a construção de casas e escritórios sobre placas flutuantes quando acabar a pandemia. *“Durante a invernagem na Antártica, sabia quando o sol ia aparecer. Agora, não temos perspectiva de quando tudo voltará ao normal”*

Por Décio Galina

No verão passado, Amyr Klink, de 64 anos, fez três viagens para a Antártica: duas com barcos de turismo e uma com o Paratii “vermelhinho”, como se refere à embarcação que invernou no continente gelado em 1990 e depois deu uma esticadinha até o Ártico. Na viagem mais recente, com tripulação de quatro pessoas (“um para limpeza, um para cozinha, outro para oficina e um só para contar piada”), Amyr diz ter feito a viagem mais legal em 30 anos. *“Foram quase dois meses, e voltei com câimbra de tanto dar risada. E olha que pegamos mar muito duro, com ventos violentos. Mas o barco é valente e revolucionário até hoje.”*

Surpreendido pela pandemia, deixou o barco nas Ilhas Falkland e se trancou em casa, em São Paulo, com a família: Marina Bandeira Klink e as filhas Laura, de 23 anos, e a caçula Marina, de 20 anos (Tamara, gêmea de Laura, vive na França). O navegador mais respeitado do Brasil e referência mundial – após feitos como remar da África para a Bahia (1984) e fazer duas circum-navegações (1998 e 2003) por altas latitudes – agora planeja seguir com o projeto de desenvolvimento de placas flutuantes para residências, escritórios, postos de saúde, entre outros usos.

À frente de uma marina em Paraty, escritor de seis livros, como *Cem Dias Entre Céu e Mar* (relato da travessia do Atlântico, que já vendeu mais de 200 mil cópias) e palestrante desde a década de 1980, Amyr disse que a pandemia trouxe poucos cancelamentos, muitos adiamentos, mas uma grande procura para eventos online. A seguir, o primogênito de quatro filhos de ascendência libanesa resgata como nasceu a paixão por

(Amyr Klink) Marina Klink, (família) Jairo Goldflus

canoas, confessa que se lançou ao mar para ficar longe do pai e diz que não dá para comparar a quarentena com uma invernagem na Antártica: *“Não temos perspectiva de quando isso vai acabar”.*

Como começou a história da sua família com Paraty?

Meu pai (Jamil Klink) era meio polêmico, um cara autoritário, morou em vários lugares do Oriente, ele era um negociante, uma espécie de aventureiro, visionário, extremamente inteligente. Ele se apaixonou por Paraty em um acidente aeronáutico. Eles caíram na Barra Grande, entre Angra e Paraty. Os sócios do meu pai recuperaram o avião para sair dali em uns 20 dias. Mas meu pai alugou uma mula numa praia remota e foi para Paraty, no

início dos anos 1950, uma época em que a cidade estava no apogeu da decadência, desmoronando.

Ele adorou o espírito de sair, de caçar, fazer churrascos e pescaria. Acabou comprando muitas áreas lá, umas 18 fazendas. Caminhava entre alambiques, engenhos abandonados, antigas rodas d’água. Minha mãe (Asa Fieberg Klink) era o contrário: artista, desprovida de valores materiais, ela não se preocupava com nada, tinha um senso de humor muito grande, gostava de pintar, escrever.

Qual o legado que eles deixaram?

Meu pai tinha esse espírito pioneiro de desbravar lugares pouco conhecidos. E minha mãe me influenciou como artista. Eles falavam 5, 7 línguas, fiquei com vontade de aprender



também, conhecer outras culturas. Me deixaram essa sede de viajante.

Como foram as primeiras viagens pelo Brasil?

Meu pai gostava de viajar no Brasil de forma muito precária. Gostava de viajar a cavalo, de caminhão, de Kombi, levava espingarda para caçar perdizes. Quando eu tinha uns 8 anos, ele pôs a gente em um navio cargueiro em Santos (SP) e viajamos por um mês até Belém (PA). Ele comprou macacos para criar em Paraty.

Você nasceu em São Paulo, mas se envolveu com Paraty desde cedo. Como se aproximou do mar?

Eu me fixei em Paraty só depois que me formei em Economia. Frequentei a cidade intensamente no período escolar. Passava no mínimo quatro meses lá. Ficava muito tempo sozinho, meu pai sempre prospectando uma maluquice, a gente tinha muito medo dele. Então, uma maneira de ficar longe e ter independência era pegar uma canoa e sair...

Passava um, dois dias fora, dormia em alguma praia, fui aprendendo as coisas do mar.

Você tem uma coleção com mais de 40 canoas. Como surgiu o interesse por elas?

Sempre fui um moleque tímido, introvertido, nunca gostei de futebol. Gostava de ver os caíçaras conserutando as canoas. Comecei a acompanhá-los para procurar árvore para derrubar e depois fazer a canoa. Fui aos poucos, tinha medo do mar. Mas em Paraty o mar invade algumas ruas, então, eu ficava de canoa nas ruas. A primeira canoa que comprei fazia muito sucesso, era do caíçara

Juacir, feita por Mané Santos. Era de cedro-rosa, pequena, estreita, difícil de remar (4 metros de comprimento e dois palmos e meio de largura). Ele me emprestava para brincar. Um dia, falou que ia vender a canoa. Eu não tinha dinheiro, mas apareceu um tio sueco, que me emprestou. A canoa se chama Max, tenho até hoje.

O que mais te lançou ao mar?

Outra coisa que me abriu o universo de viajantes para lugares distantes foi a literatura. Comecei a gostar de ler cedo, primeiro Júlio Verne (1828-1905); depois li a *Expedição Kon-Tiki* (em 1947, o norueguês Thor Heyerdahl, em uma balsa pau-de-jangada, vai do Peru ao arquipélago de Tuamotu: 6.900 quilômetros em 101 dias). Comecei a colecionar relatos de viagem em outros idiomas.

Qual a origem da ideia de atravessar da Namíbia para a Bahia restando, em 1984, aos 29 anos?

Nunca me interessei por recordes e coisas desse tipo. Quando estudei Economia na USP, elegi o remo como esporte. Na volta para Paraty, passei a ler tudo sobre remo. Um dia caiu nas minhas mãos a história de um francês que tinha atravessado o

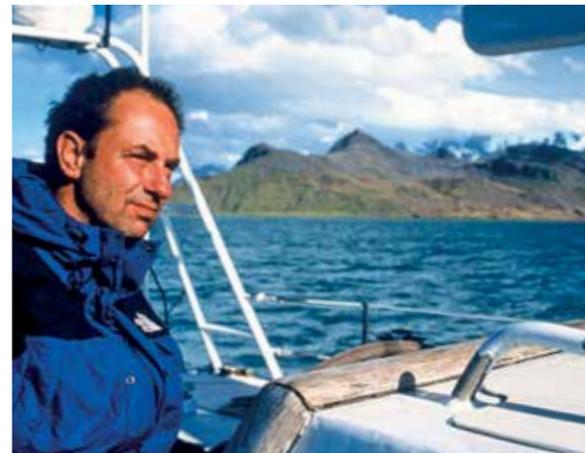
Atlântico Norte. Achei algumas incoerências na travessia, comecei a pesquisar, questionar... Sem querer, eu estava envolvido com a ideia de fazer uma travessia do Atlântico Sul. O pessoal me perguntava: por que ainda ninguém atravessou? (risos). Fiquei dois anos preparando, em segredo, pois não queria que meu pai soubesse, nem meus irmãos. Só a minha mãe, que me traduziu do sueco livros e rotas escandinavas. Ela virou minha confidente secreta. Quando meu pai soube, uma semana antes de eu sair do Brasil, ficou muito bravo, não teve despedida. Meses depois, quando eu estava no mar, por rádio amador, ele fez contato. Uma conversa de dois minutos, cheia de ruídos, na metade do Atlântico. Ele estava emocionado – e bravo. "*Que Netuno te proteja*", me disse.

Qual foi o maior prazer das circumnavegações em altas latitudes, em 1998 e 2003?

O maior prazer foi ter concluído as circumnavegações antes do prazo. Sou rigoroso para preparar, para não ter surpresa. Não gosto de aventura, nem de sofrimento. Nunca sofri. Na primeira, eu estava sozinho, a viagem não podia passar de 93 dias.



Rogério Montenegro



Sou rigoroso para preparar, para não ter surpresa. Não gosto de aventura, nem de sofrimento. Nunca sofri

No final, cheguei cinco dias antes. Dá muito prazer: fazer um plano e executar. Nunca tive barco arrebitado, vela rasgada, pedir ajuda, nada disso. Foram duas viagens muito desafiadoras: você não pode cometer erros. Tenho uma vantagem por ter me envolvido na construção dos barcos. É um diferencial muito grande nesse tipo de navegação você conhecer a alma da embarcação.

Quantas vezes já foi para a Antártica? Qual seu ponto favorito lá?

Contando as vezes que naveguei para terceiros, mais de 40 viagens. Na Baía de Dorian, há um cemitério dos icebergs de grande profundidade. Dá para sair com pequenos botes

infláveis para navegar em um labirinto de blocos de gelo. Formações incriveis, água totalmente translúcida. Sinto saudades do cheiro e do som.

Quais são seus lugares favoritos no Brasil e no mundo?

A região de Marajó (PA), na foz do Amazonas, conheço só por água. Gosto muito do Canal do Varadouro, entre o norte do Paraná e o litoral sul de São Paulo. Gosto também do Pantanal e de Paraty. No mundo, o sul da África do Sul, Namíbia, Ilhas Faroé, Portugal e Ilhas Falkland, as praias mais bonitas da América do Sul.

Há 30 anos você ficou, por vontade própria, sozinho, preso no gelo, pas-

sando o inverno na Antártica. Como compara aquela experiência com a quarentena imposta pela pandemia?

Foi um período longo [de inverno na Antártica], quase nove meses sem ver um ser humano. Tudo foi melhor do que eu imaginava. Foi uma experiência rápida, intensa, divertida. Eu tinha o privilégio de saber quando aquilo ia acabar. Sabia que teria sol em setembro, que o mar derreteria em novembro, enfim, tinha uma certeza, o que dá um grande alento – justamente o que não temos agora. Estamos passando por uma experiência muito difícil. Tenho fé que vai passar, mas nada será como era antes. Estamos revendo o que é essencial. —

